

## **Descartes: A superação das tensões do Barroco**

Descartes: the overcoming of the tensions of the Baroque

Wantuil Miguel de Barcelos<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O objetivo desta pesquisa é demonstrar como a teoria filosófica, fundamentada num método científico, de René Descartes contribui para sanar as dicotomias (claro x escuro, bem x mal, transitório x eterno), embasadas em figuras de linguagem (metáforas, hipérboles, paradoxo, antítese), utilizadas para causar um impacto emocional nos homens, como numa catarse, principalmente para o fortalecimento da fé católica; existentes na composição e produção das artes, com mais especificidade na literatura, no período Barroco. Ao utilizarmos da literatura, das artes plásticas e da filosofia como instrumentos analíticos, pretendemos contribuir para se pôr um holofote no Barroco. e desta maneira revelar aspectos importantes da face deste estilo de época, que marcou a história da arte da civilização ocidental.

**Palavras-chave:** Barroco, arte, literatura, figuras de linguagem, Cogito, razão, emoção, dicotomia, método científico, ciência.

### **ABSTRACT**

The purpose of this research is to demonstrate how the philosophic theory, grounded on the scientific method of René Descartes, contributed to solve the dichotomies (light x dark, good x evil, transitory x eternal), based on the figures of speech (metaphors, hyperbole, paradox, antithesis), used to cause an emotional impact on men, as a catharsis, especially for the strengthening of Catholic faith; existents in the composition and production of arts, with more specificity in literature, in the Baroque period. In using the literature, visual arts and philosophy as analytic tools, intend to

---

<sup>1</sup> Professor universitário; Bacharel em Jornalismo – Unibh; Licenciado em Filosofia – UFMG; Mestre em Filosofia - UFMG

contribute to put a spotlight on the Baroque, and in this way, to reveal important aspects of this period style, which left its mark on the history of art of the Western civilization.

**Keywords:** Barroco; art, literature; figures of speech; Cogito, reason; emotion, dichotomy, scientific method.

No século 16 o Renascimento<sup>2</sup> alarga as fronteiras do mundo através das Grandes Navegações, que descobre novos continentes e interliga os países de forma global. A Igreja Católica sofre um abalo sísmico com a Reforma Protestante protagonizada por Martinho Lutero e novas religiões cristãs surgem e se espalham para vários territórios. O teocentrismo, que balizou as concepções filosóficas da Idade Média<sup>3</sup>, cede lugar ao antropocentrismo renascentista, que põe o homem no papel central como ator das transformações, principalmente na vasta arena da política. A Terra deixa de ser um planeta privilegiado no cosmo, em seu lugar o Sol é posto no centro do "universo". Estas transformações geraram uma grande tensão entre Fé e Razão, entre o poder "atemporal" da Igreja e o poder temporal do homem político, entre a valorização material preconizada pelos protestantes, fundamentada num novo sistema econômico (capitalismo), que abarcou todos os continentes e a espiritualidade defendida pela Igreja Católica, que atacava veementemente a riqueza material.

O século subsequente traz consigo todas estas tensões recortadas no saudosismo teocêntrico medieval, mas portando em seu cerne o antropocentrismo do Renascimento. Este dualismo é a marca estrutural do Barroco, no século 17, abordado sob a ótica da literatura e das artes plásticas. Se se analisarmos as obras literárias<sup>4</sup> e artísticas deste período, haveremos de perceber que elas são alicerçadas no uso

---

<sup>2</sup> Sobre o Renascimento queira consultas Burckhardt, Jacob, *A civilização da renascença italiana*. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

<sup>3</sup> Queira ver Ullmann, Walter, *Principios de gobierno y política en la Edad Media*. Madrid: Revista de Occidente, 1971.

<sup>4</sup> Sobre as características literárias do Barroco brasileiro, queira consultar Cândido, Antônio, *Iniciação à Literatura Brasileira*. São Paulo: Ouro Dobre Azul, 2015.

constante das figuras de linguagem, tais como: antítese, paradoxo, metáfora e hipérbole. Amalgamado a essas figuras de linguagem há dois conceitos estruturantes do Barroco: o *cultismo* e o *conceptismo*. O *cultismo* ganha contornos num jogo de palavras, numa linguagem erudita e rebuscada, com fartas citações em latim; e o *conceptismo* se fundamenta no jogo de idéias, dentro de um universo conceitual por oposições, contradições, com um forte acento na retórica. As tensões mais significativas no interior do Barroco foram delimitadas no uso abusivo das antíteses, principalmente nas seguintes confrontações: razão *versus* fé, verdade *versus* falsidade, vida *versus* morte, claro *versus* escuro, saber *versus* ignorância, céu *versus* inferno, bom *versus* mal, eternidade *versus* transitoriedade, e como a vida é breve, há que se viver intensamente o dia, como se fosse um dia antes do apocalipse. Esta sede pela vida, ficou conhecida em larga escala, como requer o contexto global da época, como *carpe diem*, do latim, aproveite o dia. Todas estas estruturas estilísticas devem ser traspassadas pelos dogmas e pela ética cristã, estabelecidos pela Igreja Católica, de tal forma que a religiosidade abarque toda a vida dos homens circunscritos na sociedade politicamente organizada, onde o poder terreno emana do poder atemporal de Deus.

Para completar este quadro dualístico, os escritores e artistas usaram indiscriminadamente outras figuras de linguagem que contribuía em muito para acentuar os conflitos culturais, sociais, religiosos, por meio de paradoxos e hipérboles. Os paradoxos não espelham ao que se crê pelo senso comum, como por exemplo: pelo senso comum cremos que um Messias, Enviado de Deus, profeta ou *sanctus* (entendido como aquele vive separado das coisas mundanas) têm uma alma imperturbável (ataraxia) ou uma carne insensível à dor, mas os escritores, escultores e pintores retratam estes seres com feições de dores pungentes, medos, cansaço e conflitos pontiagudos emergindo de suas almas imaculadas. As "santidades" são abordadas com todas as fragilidades dos simples mortais. Pode-se comprovar esta

hipótese teórica com as obras de Aleijadinho<sup>5</sup>, em Minas Gerais. As hipérboles são caracterizadas pelo exagero, que são expressos nos excessos de cores e conteúdos desenhados num quadro ou postos na decoração do interior de uma igreja, é um turbilhão de dados que impactam o sistema cognitivo e emocional de expectador ou fiel. Desta forma os intelectuais barrocos deixaram marcas indeléveis de uma época que não conseguiu desvencilhar integralmente de seus períodos antecessores: a Idade Média e o Renascimento, que são as fontes de todas as tensões supramencionadas.

A Igreja Católica, com afã de eliminar estas tensões, principalmente no campo intelectual, instituiu o Tribunal da Santa Inquisição para julgar e controlar os atos heréticos, para tanto fez uma dura censura aos meios acadêmicos através da publicação do *Index*, a relação dos livros proibidos. A publicação ou a divulgação dos livros que constam nesta lista negra, levaria o seu autor às barras do tribunal e conseqüentemente à morte, se condenado. Os artistas tinham que executar suas obras dentro das regras estabelecidas pela Santa Madre Igreja Católica, mesmo porque a igreja era o principal patrocinador das artes e ofícios durante séculos. Portanto, não havia um grande espaço livre para que os artistas pudessem criar suas obras sem os diques de contenção impostos pelo alto clero da igreja.

É neste cenário conturbado e conflitante intelectualmente, que surge o filósofo francês, Renè Descartes (1596/1650), que se propõe a buscar a verdade, ainda que tivesse que trilhar um caminho tortuoso para edificar um alicerce sólido para assentar uma nova ciência, capaz de desvelar verdades indubitáveis. Mas como pode-se alcançar a verdade neste ambiente tensionado pelos conhecimentos adquiridos e transmitidos no pretérito por grandes intelectuais, que se revelaram num manancial de conflitos teóricos, que não produziram nenhum conhecimento que fosse aceito como verdade?

---

<sup>5</sup> Carvalho, Márcio, Aleijadinho, mestre do Barroco. São Paulo: Queen Books, 2016

O nosso objetivo é exatamente percorrer as veredas trilhadas por Descartes na busca da verdade, para tanto traçamos o seguinte itinerário, que foi desenhado e percorrido pelo próprio Descartes: **O Caminho Cético**, onde ele analisa e critica os conhecimentos adquiridos no passado, que não foram capazes de produzir nenhuma verdade indubitável, que, de época para época, formaram uma grande antítese ou uma imensa diafonia; em seguida mostraremos como Descartes descobriu e conceituou a verdade. E no último Caminho revelaremos como e onde podemos fundar o conhecimento em bases sólidas, de acordo com os livros *Discurso do Método* (1637) e *Meditações* (1641).

## **O CAMINHO CÉTICO DE DESCARTES**

Se o século 17, como já dissemos, foi caracterizado pelas tensões entre razão *versus* fé e verdade *versus* falsidade, o que se deve fazer para resolver a “aporía” da tensão binária da primeira, sem que com isto uma não seja soterrada em benefício da outra; e mais: na segunda relação, como se pode proceder para desvelar a verdade das penumbras projetadas pela falsidade dissimulada, às vezes, na verossimilhança?

O caminho adotado por Descartes para responder estas indagações consistiu em pôr em dúvida profunda todo o conhecimento clássico da filosofia, nomeadamente o conhecimento aristotélico e escolástico. Em seguida estende esta análise crítica à Letras, à Matemática e à Teologia, que será analisada e não criticada. Na seqüência desse processo crítico, põe sob o crivo da razão os conhecimentos adquiridos por via dos sentidos e das crenças. E finalmente radicaliza suas dúvidas pondo na berlinda a existência do mundo material e de Deus. Mas qual é a intenção de Descartes em usar a dúvida para a descoberta da verdade?

Antes de abordarmos aquelas dúvidas mencionadas acima, haveremos, em primeiro lugar, de responder esta última pergunta, porque na resposta ter-se-á o indicativo

estrutural do itinerário cético adotado por Descartes: em primeiro lugar faz-se necessário ressaltar que a dúvida metódica cartesiana é posta à parte da dúvida moral, posto que ela é um projeto para lidar com questões da vida de cunho eminentemente teórico e não para a vida prática. Em segundo lugar ela é um processo pedagógico feito sob medida para livrar a mente das crenças, e por último, a dúvida é um método para se descobrir a verdade, que é o objetivo principal da filosofia cartesiana, e para tanto ele recorre ao ceticismo.

Descartes abre a primeira parte do Discurso do Método afirmando que “a razão, bom senso, é a coisa do mundo melhor partilhada”<sup>6</sup>. Se de fato a razão é igualmente compartilhada entre os homens, como pode, então, haver várias opiniões? Descartes: (...) a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de serem uns mais racionais do que outros, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas e não consideramos as mesmas coisas. Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem.<sup>7</sup> Em síntese: a multiplicidade das opiniões deve-se ao fato de não se frear o pensamento, deixando-o divagar aleatoriamente; e também em uma má aplicação do pensamento, feita, principalmente por espíritos fracos. Dito isto, passaremos a seguir uma revista à crítica que Descartes fez às ciências. “... não me contentando com as ciências que nos ensinavam, percorrera todos os livros que tratam daquelas que são consideradas as mais curiosas e as mais raras que vieram cair nas minhas mãos “.<sup>8</sup> A primeira crítica cartesiana é em relação às Letras, que são importantes e se prestam melhor para despertar o espírito, ajudam a formar juízo, se lidas com discrição; servem como uma conversação com pessoas do século passado, na qual eles nos revelam seus melhores pensamentos, mas Descartes não nos dá um indicativo que das Letras possa-se extrair a verdade.

---

<sup>6</sup> Descartes, Renè. *Discurso do Método*, Trad. J.Guinsburg e Bento Prado Júnior, Col Pensadores, São Paulo: Abril, 4<sup>a</sup>. ed 1987, p. 30.

<sup>7</sup> Op. Cit, p. 30.

<sup>8</sup> Idem, p. 30.

Em seguida o filósofo francês passa a submeter a Matemática ao crivo da razão: “comprazia-me sobretudo com as Matemáticas, por causa da certeza da evidência de suas razões; mas não notava ainda seu verdadeiro emprego, e, pensando que serviam apenas às artes mecânicas, espantava-me de que, sendo seus fundamentos tão firmes e tão sólidos, não tivesse edificado sobre eles nada de mais elevado”.<sup>9</sup> Na Matemática como na razão compartilhada ou bom senso há uma semelhança: ambas são mal empregadas e por isso não atingem os seus objetivos: na matemática sobre os seus alicerces não se fundou verdades indubitáveis, cremos; na razão compartilhada não se conseguiu evitar a diafonia.

Descartes não faz uma crítica à Teologia, “porque para empreender o seu exame e lograr êxito, era necessário ter alguma extraordinária assistência do céu e ser mais do que homem”<sup>10</sup> Mas por que a Teologia foi poupada do ataque cartesiano? Porque nesta disciplina as verdades são reveladas e para criticá-las é preciso, na opinião de Descartes, receber auxílio da própria divina providência, porque, ao que nos parece, a razão humana é insuficiente para dissertar sobre os assuntos teológicos. Por outro ângulo, Deus, como veremos mais adiante, é quem vai dar o fundamento para o critério de verdade. Na Moral Provisória Descartes, depois de ter adotado a dúvida metódica, que estamos expondo neste caminho cético, afirma: “a minha primeira máxima era obedecer às leis e aos costumes de meu país, retendo constantemente a religião em que Deus me concedeu a graça de ser instruído desde a infância...”<sup>11</sup> Como podemos observar, o não ataque à Teologia é uma questão de coerência, posto que Deus dar-lhe- à a perfeição para fundar o seu conhecimento em verdades indubitáveis, tendo como origem a própria perfeição de Deus e depois porque abalar as estruturas da Teologia, certamente poria o mundo num caos, e esta postura está explícita na Moral Provisória.

---

<sup>9</sup> Idem, p. 32.

<sup>10</sup> Idem, p.32.

<sup>11</sup> Idem, p.41.

Ataque à filosofia: “sobre a Filosofia nada direi, senão que, vendo que foi cultivada pelos mais excelsos espíritos que viveram desde muitos séculos e que, no entanto, nela não se encontra ainda uma só coisa sobre a qual não se dispute, e por conseguinte que não seja duvidosa...”<sup>12</sup> Esta disputa referida na afirmação de Descartes, deve-se ao fato de que na história da filosofia há muitas contradições, ou seja, o conhecimento que está contido numa obra filosófica é negado pelo conhecimento filosófico de um autor subsequente, por isto não há nada que não seja duvidoso.

“Tudo o que recebi até o presente como mais verdadeiro, aprendi-os dos sentidos ou pelos sentidos, ora, algumas vezes experimentei que tais sentidos eram enganadores, e é de prudência jamais confiar inteiramente naqueles que uma vez nos enganaram”.<sup>13</sup> Para provar a falibilidade dos sentidos, Descartes dá o seguinte exemplo: um objeto pode variar de tamanho de acordo com a distância, mas a razão faz a correção adequada. Este exemplo é melhor clarificado através do Sol, da Terra ele nos parece pequeno, mas a Astronomia afirma que ele tem um tamanho bem maior do que as dimensões vistas da Terra. Para Descartes, este engano oriundo dos sentidos é suficiente para não darmos assentimento a nada recebido por alguém que já nos enganou ao menos uma vez, em consequência devemos retirar toda a nossa confiança nos órgãos dos sentidos como fonte para o primado do conhecimento.

Até aqui, Descartes adota uma postura cética moderada, mas ele ultrapassará o ceticismo através da dúvida hiperbólica, presente nas *Meditações*, onde ele põe em dúvida radical a existência do mundo e de Deus. Sobre a existência das coisas exteriores, materiais: “todavia, recebi e admiti anteriormente várias coisas como muito certas e muito manifestas, as quais, não obstante, reconheci depois serem duvidosas e incertas. Quais eram, pois, estas coisas? Eram a terra, o céu, os astros e

---

<sup>12</sup> Idem, p.32.

<sup>13</sup> Descartes, Renè. *Meditações Metafísicas*, Trad. Maria E. Galvão, São Paulo: Martins Fontes, 2000.



todas as coisas que eu recebia por intermédio dos meus sentidos”.<sup>14</sup> A respeito de Deus, Descartes afirma: “todavia, há muito tempo tenho em meu espírito certa opinião de que há um Deus que pode tudo e por quem fui criado e produzido tal como sou. Ora, quem me pode assegurar que esse Deus não tenha feito com que não haja terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar, e que não obstante eu tenha os sentimentos de todas essas coisas, e que tudo isso não me pareça existir de modo diferente do que o vejo?”<sup>15</sup> Desta forma, Descartes radicaliza a dúvida e assim supera o ceticismo ao pôr em evidência a não existência do mundo material e todas as suas formas de predicação (figura, grandeza, lugar) e também de Deus, colocando-o na condição de um gênio enganador.

Diante de todas essas dúvidas e da multiplicidade de opiniões, o que se deve fazer para se descobrir a verdade e conseqüentemente poder fundar um conhecimento em bases sólidas?

[...] no tocante a todas as opiniões que até então acolhera em meu crédito, o melhor a fazer seria dispor-me, de uma vez para sempre, a retirar-lhes essa confiança, a fim de substituí-las em seguida ou pôr outras melhores, ou então pelas mesmas, depois de tê-las ajustado ao nível da razão.<sup>16</sup>

Para além da suspensão do juízo sobre o que se tem a menor dúvida, para se fundar o conhecimento é preciso ter um critério de verdade para posteriormente assentá-lo sobre um princípio último ou *fundamentum inconcussum*, fundamento que não pode ser ultrapassado ou questionado. O nosso próximo tema será justamente abordar sobre para que e como pode-se fundar o conhecimento a partir da teoria filosófica de Descartes e desta maneira resolver todas as dúvidas levantadas no itinerário cético.

## **A FUNDAMENTAÇÃO DO CONHECIMENTO E A VERDADE**

---

<sup>14</sup> Idem, p.58.

<sup>15</sup> Idem, p.35.

<sup>16</sup> Q.v. Descartes, *Discurso do Método*, p.35.

Depois de termos construídos alguns pontos essenciais do itinerário cético cartesiano, haveremos, a partir de agora, fundamentar o conhecimento de acordo com a teoria construída por Descartes, com o intento de criar uma nova ciência que fosse capaz de produzir verdades indubitáveis. Mas para tanto será necessário levantar algumas perguntas axiais necessárias à fundamentação do conhecimento, que são: primeira, por que; segunda, como, e terceira, para que fundamentar (justificar) o conhecimento?

Quanto a primeira interrogação: porque de saída o fato de uma coisa existir, qualquer que seja ela, e mais ainda, o conhecimento, não significa que ela esteja justificada ou legitimada pelo simples fato de existir, porque a existência ou não de uma coisa pode ser posta em dúvida pela falibilidade dos sentidos, dos sonhos, da loucura, pela própria limitação da razão, como preconizara os céticos. Por isso os homens não sabem de antemão, na falta de um sinal exterior ou da revelação divina, se estão na verdade ou se estão incorrendo em erro, daí a necessidade de justificar o conhecimento, para que o homem tenha certeza de que está de posse da verdade.

Segunda, como fundamentar: mediante a descoberta de uma representação privilegiada, que escape a controvérsia e cuja recusa leve à contradição, e cuja aceitação transmita irresistivelmente sua verdade, livre de toda dúvida e incerteza. Tal representação será o princípio do conhecimento ou *fundamentum inconcossum* sobre o qual será erguido o edifício do conhecimento, que não poderá ser ultrapassado por nenhum outro princípio.

Terceira pergunta, para que fundamentar: para estarmos seguros, termos certeza absoluta, de termos encontrado a verdade.

Mas para encontrarmos a verdade será necessário que tenhamos um critério de verdade, caso contrário todo o nosso esforço intelectual será vão, inútil, por não termos um paradigma que delimite nossa investigação, em conseqüência o nosso espírito fará devaneios e seguirá por caminhos de areia e argila, tal como dissera

Descartes, e certamente não encontraremos nada de seguro, menos ainda a própria verdade, que é objeto de nossa pesquisa. Qual é, então, o critério de verdade proposto por Descartes? A saber: “Julguei poder tomar por regra geral que as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeira...”<sup>17</sup>. Portanto, para Descartes, verdade são as idéias claras e distintas, mas faz-se, então necessário explicitar o que são as idéias clara e distinta. Idéia clara é uma idéia viva, imediata, sem ser contaminada pela memória; Distinta: é uma idéia desprovida de outras idéias.

O *modus operandi* que Descartes usou para produzir este critério de verdade foi a Dúvida Metódica, porque ao duvidar de todas as coisas hiperbolicamente, não se pode duvidar que se está pensando, e desta inferência Descartes faz a descoberta do *Cogito*: “mas logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: *eu penso, logo existo*, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulos, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava”.<sup>18</sup> Desta descoberta pode-se tirar várias conclusões fundamentais para a fundamentação do conhecimento. Primeira: Descartes anuncia a primeira verdade indubitável: o *Cogito*. Segunda: com esta descoberta Descartes rompe radicalmente com o ceticismo. Terceira: o *Cogito* estabelece a condição da existência humana, que é o pensar, se o homem pensa, ele existe. Quarta: Descartes revela o princípio último ou *fundamentum inconcossum* de sua Filosofia: o *Cogito*. A partir deste momento já podemos, então, fundamentar o conhecimento sobre um alicerce sólido e indestrutível, segundo a teoria cartesiana. Mas antes ser-nos-á importante definir o que é o *Cogito*: é o sujeito pensante, sujeito metafísico claro e distinto, é puro pensamento, uma intuição tomada como um “ver” pelo intelecto.

---

<sup>17</sup> Idem, p.47.

<sup>18</sup> Idem, ibidem.

Com a descoberta do Cogito, Descartes põe a razão no primado do conhecimento, mas o processo adotado para se chegar a este fundamento colocou Descartes num problema de dimensão maior do que pôr todo o conhecimento e crença humanos em dúvida, a saber: é que na ordem do conhecimento o homem foi privilegiado e Deus relegado a uma condição secundária, isto porque a verdade foi extraída através de um método solipsista e cético. Para resolver este impasse, Descartes dá uma “pirueta” da seguinte maneira: “da proposição *eu penso*, pode ser extraído o critério de verdade: todas as idéias claras e distintas são verdadeiras. Mas, se a proposição *eu penso* permite a descoberta deste critério, ela não consegue eliminar a dúvida metafísica, sendo apenas uma exceção a ela. Ela não pode, portanto, validar o critério de verdade. É necessário, pois, fundamentá-la. As prova da existência de Deus veraz exercem esta função”.<sup>19</sup> Para provar a existência de Deus, Descartes recorre ao princípio da perfeição, partindo do pressuposto de que ele era imperfeito, o exercício da dúvida é uma imperfeição, e sendo imperfeito, se ele tivesse um só pensamento perfeito, este não poderia, portanto, nascer da imperfeição, mas do próprio perfeito, e que este ser perfeito é Deus. Deus sendo perfeito não poderia ser enganador. Assim Descartes prova a existência de um Deus veraz e não enganador e em consequência pode-se fundamentar aquele critério de verdade dito anteriormente. É importante salientar que esta prova da existência de Deus talvez foi a fórmula encontrada por Descartes para ceder as pressões exercidas pela Igreja Católica contra um possível ateísmo propalado em suas obras, principalmente no *Discurso do método*. E o homem pode, finalmente, conhecer determinadas coisas do mundo através de um critério de verdades indubitáveis. Ao desvelar a verdade, que é perfeita, o homem pode anunciar que esta verdade é uma revelação de Deus, o criador da perfeição, ainda que esta descoberta seja inteiramente humana, assim se estabelece uma relação efetiva entre o homem e Deus, tal como fora a decisão de Descartes para não se enquadrar no ateísmo. A verdade liberta o homem das amarras das trevas da ignorância ao derrotar um "ente

---

<sup>19</sup> Filho, Raul Landim, *O Destino da Revolução Racionalista*, S.P. Folha de São Paulo, Mais, 24.08.96.

enganador", e também é o caminho da salvação eterna. Desta forma resolve-se os conflitos entre a razão *versus* fé e verdade *versus* mentira. Estas conquistas estão no império criterioso, justo, incontestado do tribunal da razão.

Ao pôr a razão como estância fundadora do conhecimento através da descoberta do Cogito, Descartes tem em mãos uma alavanca que pode dinamizar o conhecimento humano. Para que ela não possa ser mal exercitada por espíritos fracos e conseqüentemente se chegar a resultados falsos ou manter a diafonia no conhecimento, tal como ocorrera no passado, Descartes cria um método científico para se ter certeza que a verdade será alcançada, para tanto basta que se siga atentamente as quatro regras básicas do método<sup>20</sup>: **1<sup>a</sup>.**, regra da evidência, jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal, isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão claro e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvidas. **2<sup>a</sup>.**, regra da análise, dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las; **3<sup>a</sup>.**, regra da síntese, conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros; **4<sup>a</sup>.**, regra da enumeração, fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir

Para além de fundamentar o conhecimento na razão, exercida pelo sujeito pensante, metafísico, Descartes nos deu um método para alcançarmos a verdade indubitável. Torna-se necessário que nós examinemos quais os instrumentos que poderemos usar para alavancar o conhecimento. A saber: este método está totalmente crivado, vinculado à meditação metafísica e sustentado num processo analítico por derivação,

---

<sup>20</sup> Q.v. *Discurso do Método*, pp. 37-38.

embasada na intuição e na dedução. Mas quais são os conceitos e os papéis da intuição e dedução para a teoria do conhecimento cartesiana? Intuição: “não se trata do flutuante testemunho dos sentidos ou do juízo falaz da imaginação inabilmente combinadora, mas de um conceito da mente pura e atenta, tão fácil e distinto que não permanece nenhuma dúvida em torno daquilo que pensamos”.<sup>21</sup> Portanto, a intuição para Descartes não é um conceito oriundo dos sentidos, empírico, mas uma intuição intelectual, fruto da pura razão; logo, vemos o objeto do pensamento de forma fácil e distinto, porque não dizer claro e distinto, verdadeiro. Em função desta intuição intelectual, não fora necessário para Descartes fazer uma teoria do mecanismo de representação através de uma teoria da alma, mas sim emigrar para uma teoria do conhecimento como teoria justificacionista do discurso do conhecimento, como justificar é dar razões, basta para tanto fazer demonstrações sobre o que se está em questão, utilizando-se de um método ajustado pela matemática analítica, tal qual fora proposto por Descartes e delimitado pelo critério de verdade previamente estabelecido. Estas demonstrações procedentes da intuição remetem-se às representações, portanto estas são intuições intelectuais. Descartes especifica uma representação ou intuição intelectual através do seguinte exemplo: “... quando imagino um triângulo, ainda que talvez não haja em lugar nenhum do mundo fora do meu pensamento uma tal figura, e jamais tenha havido, não deixa de haver, não obstante, uma certa natureza, ou forma, ou essência determinada dessa figura, a qual é imutável e eterna, que eu não inventei e que não depende de forma alguma do espírito...”<sup>22</sup> Nesta passagem fica patente que a representação é uma intuição intelectual, imutável e eterna em sua forma ou natureza.

E qual é o papel, então, da dedução, como uma faculdade racional, na teoria justificacionista de Descartes? Demonstrar! Descartes a exemplifica: ... como é aparente do fato de se poder demonstrar diversas propriedades desse triângulo, a

---

<sup>21</sup> Reale, Giovanni, Antiseri, Dario. *História da Filosofia*, São Paulo, Paulus; 1990, pp. 362. Vol.2.

<sup>22</sup> Q.v. *Meditações Metafísicas*, p.98.

saber, que seus três ângulos são iguais a dois retos, e outras semelhantes, as quais agora, seja que eu o queira ou não, reconheço muito claramente e muito evidentemente estarem nele (no triângulo)...”<sup>23</sup> A dedução está contida nas regras da enumeração e da síntese, fazendo a função de enumerar e de revisar o que se está em “evidência” no nosso julgamento (regra da enumeração) e de conduzir-se do simples ao composto (regra da síntese), este percurso é necessário para a dedução assim como a evidência é necessária para a intuição. Portanto, a intuição e dedução são as alavancas fundamentais para o método cartesiano que se propõe desvelar a verdade sob a luz da razão.

Em síntese: o que torna possível a intuição e a dedução desempenharem suas funções é exatamente o primeiro princípio da filosofia cartesiana: o cogito, porque o que dá o acesso a este princípio fundante é a reflexão, o raciocínio, que por sua vez depende da intuição e da dedução. Este processo, reflexão-raciocínio, é chamado de reflexão metafísica, porque só a razão pode refletir sobre si mesma, por isso ser um *fundamentum iconcussum*, e conseqüentemente usar a intuição e dedução no processo de conhecimento e finalmente descobrir verdades indubitáveis.

Ao fundar o conhecimento na razão, criar um critério de verdade e elaborar um método científico, Descartes opera uma revolução racionalista e desta forma, na sua concepção, põe fim aos conflitos entre razão *versus* fé e verdade *versus* falsidade estabelecidos no Renascimento e que agudizaram-se no Barroco, durante os séculos 17 e 18. A partir da publicação do livro *Discurso do Método* (1637), Descartes fez a ciência andar a passos largos na criação de novas teorias e tecnologias, que abarcam as experiências cotidianas do mundo moderno; enquanto as dicotomias, antíteses, paradoxos, hipérboles, que são instrumentos operacionais do Barroco, permanecem somente como ferramentas literárias e artísticas úteis para provocarem uma catarse nos homens, num fluxo denso de paixões, que saem do complexo mundo interior dos

---

<sup>23</sup> Id, ib, p. 98.

homens, movido por emoções embaralhadas na fé. As figuras de linguagem utilizados no Barroco servem para desestabilizar o sistema emocional do homem, para que ela tenha uma catarse, e na "pureza" alcançada por este processo, a fé emerge do interior para galvanizar as ações humanas dentro de uma ética cristã. O racionalismo proposto por Descarte fortalece o sistema racional do homem para que ele possa vencer o breu da ignorância e dos simulacros, e conseqüentemente revelar a verdade dentro de uma dimensão da ciência, que é criadora de novas tecnologias e de conhecimentos úteis à vida. A ciência cartesiana deve nortear as ações dos homens, na busca incessante e incansável pela verdade, afinal, somente a verdade liberta...

Enviado em: 18/11/22 - Aceito em: 11/01/23

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

DESCARTES, Renè. *Discurso do Método*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril, 4ª. ed. 1987. (Col. Os Pensadores, vol. "Descartes")

-----, *Meditações Metafísicas*, trad. Maria Ermantina Galvão, São Paulo: MartinsFontes, 1ª. ed. 2000.

CARVALHO, Márcio, Aleijadinho, Mestre do Barroco. São Paulo: Queen Books, 2016.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 4ª. ed. 1990, 3 vols.

FILHO, Raul Landim, *O Destino da Revolução Racionalista*, São Paulo: Jornal Folha de São Paulo, Caderno Mais, 24.03.96.